

Com a cabeça posta a prêmio pela teocracia iraniana, eis

# Salman Rushdie, romancista e mártir

Se nos for lícito ler a autobiografia do autor em romances como **Os Filhos da Meia-Noite** e **Vergonha** (e há muitas sugestões do autor que nos autorizam a fazê-lo), Salman Rushdie herdou dos avós (maternos) a visão colorida, truculenta e desmistificadora que tem da realidade oriental.

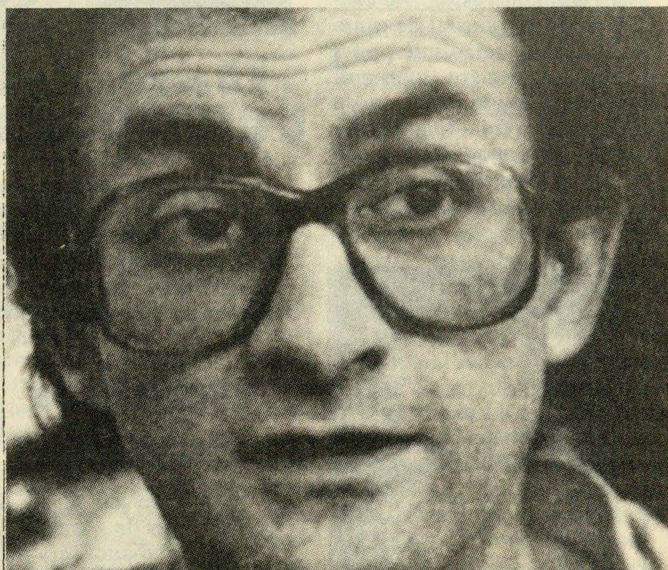
Com a avó aprendeu uma religião intolerante e superficial; com o avô, céptico, aprendeu a desmistificar essa religião. Médico, natural de Caxemira e com estudos na Europa, o velho Aadam Aziz expulsou de cada a pontapé o professor de religião dos filhos — o **maulvi** — quando percebeu que ele estava empenhado em lhes ensinar não tanto o Alcorão quanto o ódio, o ódio aos hindus, aos budistas, aos **jains** e aos **sikhs**. («**Queres ter filhos que odeiem, mulher!?**»)

A convicta desmistificação do Islão, do Alcorão, do Profeta, do Budismo, do Cristianismo simbolizado na ama Mary Pereira, de origem goesa) e de toda a espécie de seitas está presente em todas as páginas dos dois romances referidos (tanto quanto um outro livro mais recente, a reportagem intitulada **O Sorriso do Jaguar**, sobre a Nicarágua, é a denúncia frontal do imperialismo americano).

Não será fácil detectar blasfêmias nestes livros de Salman Rushdie. Ou sequer sombras de blasfêmia. Porque blasfemar é uma forma de religião e Rushdie está fora desse domínio. Denúncia radical, fundamentada, desassombrada, isso sim: encontra-se sempre em tudo quanto ele escreve.

Nascido em Bombaim, cidade «onde há tantas religiões quantos os habitantes», Rushdie sente-se fascinado sobretudo pela complexidade e pela riqueza da mitologia hindu, até porque eram os deuses hindus os mais odiados pelo seu meio familiar e social. E se a opinião do velho Aadam Aziz e do próprio Rushdie fizessem lei, nunca teria havido a divisão do subcontinente asiático num país hindu, a Índia, e num país muçulmano, o Paquistão, «o país da pureza», a primeira teocracia restaurada no século XX (as outras são Israel e o Irão), um país «sem nada a unilo a não ser Deus», que afinal não conseguiu mantê-lo unido, pois o Bangla-Desh é uma secessão da secessão paquistanesa.

Tudo nos dois grandes romances de Rushdie converge para a denúncia do que lhe pa-



rece arcaico e antinatural na ideia de Deus, de pátria e de dinheiro, fantasias que incensantemente desmistifica, ficcionalizando-as; e a esse respeito leia-se esta passagem profética, na p. 74 de **Vergonha**: «**Se tivesse de escrever um livro dessa natureza (a falar só de factos reais) ser-me-ia difícil asseverar que se tratava de um tema universal. (...) O livro seria proibido, atirado para o lixo, queimado. (...) Felizmente, o que estou a narrar é um moderno conto de fadas, tudo bate certo; ninguém se pode ofender ou levar muito a sério o que eu disser. Nem há necessidade de recorrer a medidas enérgicas.**»

Enganou-se. Os imamos iranianos ofenderam-se, levaram a sério, recorreram a medidas enérgicas.

## *Herói e mártir*

Num outro passo de **Vergonha**, Rushdie fez uma promessa que, para seu mal, não cumpriu: «**Ordeno a mim próprio que este será o meu romance da despedida, as minhas últimas palavras sobre o Oriente do qual comecei a afastar-me há já muitos anos. Não acredito de todo em todo no que afirmo...**» (p. 30).

Os **Versículos Satânicos** provam que não acreditou e não controlou o fogo interior que ameaçava imolá-lo nos altares duma causa que talvez dispense (1) heróis e mártires: a da Literatura e a da liberdade de expressão.

Tudo o mundo de Deus tem hoje razões para odiar este contador de histórias mileumanoitísticas que desde 1980 se dedica à denúncia desse mundo arcaico. Esse ódio acumulou-se e foi agora concentrar-se na ca-

beça dum imamo que se sente no direito de o condenar à morte em nome de Deus e na de um outro que oferece dinheiro a quem o matar. Deus e dinheiro. Dois chamarizes para duas ratoeiras... Por trás, há outros problemas menos fantasistas: políticos, económicos, sociais...

Já se escreveu que a salvação de Rushdie está agora numa cirurgia plástica que lhe mude as feições (2).

A metamorfose física e psicológica está prevista em muitas das ficções de Salman Rushdie; mas nunca um contador de histórias teve um destino tão semelhante ao das suas personagens romanescas. Mas também, a esse respeito, eram já proféticas as últimas palavras de **Os Filhos da Meia-Noite**: «... é privilégio e maldição dos filhos da meia-noite serem a um tempo senhores e vítimas da sua época, abandonarem a intimidade e serem completamente sugados pelo turbilhão esmagador das multidões e não poderem viver e morrer em paz.» (p. 424).

O autor de **Versículos Satânicos** tem dois nomes de reis famosos: Salomão e Al-Rachide. Falta-lhe um cognome já hoje merece alguns: O Desmistificador, o Mártir, o Provocador.

Mas este rebelde, sem outra causa que não seja a da Literatura, merece mais um outro título, muito mais simples, que no Oriente lhe dá o privilégio da intangibilidade:

Salomão Rachide, o Contador de Histórias. ■

Manuel João Gomes

(1) Ou será que não dispensa?

(2) Uma forma de morte, de despersonalização, com consequências imprevisíveis.